

Estudo Económico

Evolução do Sector Eléctrico e Electrónico

2010-2011-2012

1. Evolução económica internacional

2010 foi um ano de recuperação económica generalizada. Recorde-se que, no 2º semestre de 2009, face à quebra da procura, praticamente todos os governos do mundo puseram em prática programas de incentivos, que envolveram estímulos fiscais, monetários e financeiros, para evitar que a recessão se transformasse em depressão. Em particular destaque na Europa, estiveram os estímulos à compra de automóvel novo por troca com o automóvel usado. Por força desses estímulos, e da normal actividade de reconstituição de stocks, (em 2009 as actividades económicas satisfizeram a procura à base da venda de stocks), registou-se uma retoma da actividade económica em 2010. Eis a expressão numérica dessa retoma, medida pela taxa de variação do PIB:

Economias	2009	2010
Mundial	-0,5%	5,1%
EU América	-2,5%	1,7%
U E– Zona Euro	-3,9%	1,7%
Alemanha	-4,9%	3,6%
Espanha	-3,6%	-0,5%
<i>Portugal</i>	-2,7%	1,3%
China	8,3%	10,3%
Comº Internac.	-10,8%	12,4%

Fontes: FMI; The Economist e Banco de Portugal

Os efeitos económicos das políticas de estímulo à Procura, implementados em 2009 e no início do ano seguinte, produziram efeitos, sobretudo ao longo do 1º semestre de **2010**. A recuperação dos níveis de produção e exportação foi uma constante na **U E**, tendo numerosos países proclamado ter terminado a recessão nas suas economias.

No entanto, a injeção nas economias em 2009 de elevados montantes de fundos pela via do aumento da Despesa Pública, em simultâneo com a baixa na Receita Fiscal pela quebra da actividade económica, provocou enormes estragos nos Orçamentos dos países ocidentais e a subida em flecha dos respectivos Défice e Dívida. A quase totalidade dos Estados – membros da **U E – Zona Euro** ultrapassou largamente os limites de Maastricht, reduzindo-se assim a sua notação financeira (rating) nos mercados, com maior prejuízo para os países periféricos.

Os empréstimos a que recorreram passaram a ser concedidos a taxas de juro cada vez mais elevadas, havendo situações pontuais de dificuldade de obtenção de empréstimos. A **U E** procurou atalhar e restabelecer um clima de confiança, criando um Fundo Europeu de Estabilização Financeira no valor de 750.000 milhões de Euros para concessão de empréstimos (ou de garantias a empréstimos) aos países em maiores dificuldades. Em contrapartida, os Estados – membros tiveram de implementar programas plurianuais de estabilização financeira, tendo em vista voltar em 2014 aos limites de Défice e Dívida estabelecidos em Maastricht.

O ano de **2011** tem sido, até ao momento, caracterizado:

- Nos **EU América**, por uma política monetária facilitadora da concessão de crédito: taxa directora do FED no quase Zero, e o FED a adquirir à Banca enormes quantidades de títulos do Tesouro, injectando grandes volumes de moeda no circuito económico. Esta política tem vindo a perder força nos últimos meses, constatando-se que o sector da Construção de Habitação continua ainda a nível muito baixo, e que os Consumidores Norte-Americanos continuam num processo de desendividamento, que os limita na recuperação do Consumo. Por outro lado a recente controvérsia política quanto ao aumento do tecto da Dívida Pública, pode colocar em dificuldades a aprovação do Orçamento para 2012.
- Na **U E – Zona Euro**, por os países periféricos do Sul e Oeste da Europa (Portugal, Irlanda, Grécia, em menor grau Espanha e Itália) continuarem a implementar programas de estabilização financeira (redução de Défice e da Dívida Pública), o que, dado o elevado peso da Despesa Pública no PIB desses países, reduz as suas possibilidades de crescimento. Ao que acrescem as dificuldades crescentes na obtenção de crédito internacional dos Bancos desses países. Os países do Norte e Centro da Europa (Alemanha, Holanda, Bélgica, Finlândia, Áustria e Luxemburgo), com estruturas produtivas mais competitivas, beneficiam agora de exportações acrescidas para os mercados emergentes.
- Na **Ásia**, a China, nos últimos dois anos vem alterando a sua estratégia de crescimento, recentrando-a no mercado interno (Infra-estruturas e Habitação Social), mas continua renitente aos apelos norte-americanos e europeus de revalorização do Yuan. Continua a acumular enormes excedentes na Balança de Transacções Correntes, reinvestindo-os em aquisições de empresas ocidentais ou concedendo créditos a países sul-americanos e africanos. Mas a sua economia irá, lentamente, perdendo dinamismo. A economia japonesa sofreu fortemente com o tsunami, e espera-se que caia entre 2 a 3% em **2011**, antevendo-se a retoma em 2012.

Eis as previsões para o biénio 2011-2012:

Economias	2011	2012
Mundial	4,3%	4,5%
EU América	2,5%	2,9%
U E– Zona Euro	1,9%	1,7%
Alemanha	3,4%	2,2%
Espanha	0,7%	1,1%
<i>Portugal</i>	- 2,0%	- 1,8%
China	9,6%	9,5%
Comº Internacional	8,2%	6,7%

Fontes: FMI; The Economist e Banco de Portugal (Boletim de Verão)

Estabilização relativa da Economia Mundial em 2011-2012, com os EU América a melhorar ligeiramente, e, na **U E – Zona Euro** apenas a **Alemanha** a ter um desempenho acima da média. De assinalar também ligeira melhoria da economia espanhola. *Portugal* experimentará a recessão, em resultado do Programa de Ajustamento Financeiro estabelecido com a Troika (FMI+CE+BCE), para redução do Défice e Dívida Pública até 2014.

Atente-se também no abrandamento que o **Comércio Internacional** (Bens e Serviços) experimentará nestes dois anos, mas, mesmo assim, com crescimento superior ao do Produto Mundial.

2. Economia Portuguesa

No ano de 2009 a economia portuguesa foi fortemente atingida pela crise económico-financeira mundial, com a queda do PIB, “um mergulho” da Exportação, e a intervenção do Estado sob a forma de subsídios/estímulos financeiros e monetários à actividade económica. Conseguiu evitar-se o pior, mas o Défice das Contas Públicas subiu em flecha. No ano de **2010** registou-se recuperação económica, fundamentalmente devida ao comportamento da Exportação, embora o nível de crescimento tenha mantido a matriz da década 2001-2010: largamente inferior a 2%. Acrescente-se que, o Governo, embora tenha lançado três Programas de Estabilidade e Crescimento (PECs) com o objectivo de baixar substancialmente o **Défice Público** (- 10,1% do PIB em 2009), não evitou que este atingisse no final de **2010**, - **9,1% do PIB**.

Componentes do PIB	2009	2010
Consumo Privado	-1,1 %	2,3 %
Consumo Público	3,7%	1,2 %
Investimento (FBCF)	-11,2%	- 4,9%
<i>Procura Interna</i>	- 2,9%	0,6%
Exportação	-11,6%	8,8%
Importação	-10,6%	5,1%
PIB	- 2,5%	1,3%

Fonte: Banco de Portugal (Relatório Anual)

O ano de **2011** tem sido marcado por uma pressão enorme sobre as Finanças Públicas, com degradação da notação financeira do nosso país no mercado internacional. Dificuldades de tesouraria chegaram a pôr em risco o pagamento de compromissos financeiros e obrigaram o Governo a pedir ajuda externa à U E e FMI. No mês de Junho chegou-se a acordo quanto ao Programa de Ajustamento Financeiro a implementar para reduzir substancialmente o Défice e a Dívida Pública até ao ano de 2014. No seu conjunto são medidas que visam a estabilização financeira, com efeito redutor na Procura e consequências negativas na economia. É isso precisamente o que atestam as previsões económicas para 2011-2012:

Componentes do PIB	2011	2012
Consumo Privado	- 3,8 %	- 2,9 %
Consumo Público	- 6,3%	- 4,4 %
Investimento (FBCF)	-10,8%	-10,0%
Exportação	7,7%	6,6%
Importação	- 4,0%	5,1%
PIB	- 2,0%	- 1,8%

Fonte: Banco de Portugal (Boletim de Verão)

Em termos de **Oferta**, vejamos qual foi o contributo das Actividades Económicas para o VAB total/PIB em 2009-2010:

Actividades Económicas	2009	2010
Agricultura	1,6%	-0,8%
Indústria	-9,4%	2,8%
Electricidade, Gás e Água	1,5%	3,7%
Construção	-9,7%	-4,0%
Serviços	-0,5%	1,4%
VAB total/PIB	-2,5%	1,3%

Ressalta, da análise do quadro acima:

- Que a **Agricultura** (2,7% do PIB em 2009) parece oscilar ao contrário do PIB;
- Que a **Indústria** (13,4%) sofreu forte quebra em 2009, da qual recuperou parcialmente em 2010;
- Que a **Construção** (6,1%) está em queda contínua há 9 anos, sendo a principal causa da redução do Investimento em Portugal;
- Que **Electricidade, Gás e Água** (3,4%), deu mostras de acentuada rigidez em 2009, subindo num ano de quebra de actividade económica, o que coloca em dúvida a eficácia das políticas de eficiência energética e redução de consumo de recursos básicos;
- Os **Serviços** (74,4%) mostram também fraca elasticidade em relação às variações de actividade, mas são a larga distância a componente mais importante do PIB, e que praticamente determinam a sua evolução.

3. Sector Eléctrico e Electrónico

Depois de quebras acentuadas na exportação e produção em 2009, o Sector Eléctrico e Electrónico registou um melhor ano de **2010**, com recuperação acentuada das Vendas ao exterior, que registaram um crescimento nominal de 22% face ao ano anterior. A razão fundamental desta subida foi o razoável comportamento dos mercados da Energia (convencional e renovável) e do Automóvel. Os incentivos concedidos pelos governos europeus à troca de automóveis velhos por novos, surtiram efeito. Os mercados da Construção e do Consumo Doméstico continuaram em baixo nível. A recuperação dos níveis de actividade foi acompanhada por um aumento do Emprego, algo que já não acontecia há 10 anos.

Apesar de toda a recuperação, fazemos notar que os níveis de Produção e Exportação de 2010 estão ainda abaixo dos alcançados em 2007-2008.

Tiveram comportamento relevante os seguintes segmentos:

- Fios e Cabos Isolados (+ 38%) – em que se registou uma recuperação do mercado espanhol, e a diversificação para mercados do Leste Europeu e Norte de África na área dos fios e cabos para automóvel.
- Máquinas, Equipamentos e Aparelhagem Industrial (+ 28%) – em que as máquinas e equipamentos para a produção e distribuição de energia eléctrica, juntamente com alguns equipamentos para automóvel, foram os produtos que determinaram o comportamento global.

- Electronica de Consumo (+ 24%) - os Auto Rádios tiveram uma melhoria acentuada das suas vendas externas.

Embora com reduzido peso relativo na exportação global, o segmento “Lâmpadas e Equipamento de Iluminação” (+ 41%) teve excelente comportamento.

As perspectivas para 2011 são de uma quebra nas Vendas para o mercado português. Deverá assistir-se a uma rarefacção do crédito, sobretudo para as PMEs, condicionada pela difícil situação que vive a Banca. As dificuldades de obtenção de crédito poderão também estender-se a alguns projectos de maior dimensão na área da Energia. A Exportação poderá apresentar razoável crescimento, fruto, ainda de algum crescimento nos mercados europeu e mundial. Por segmentos de actividade, realce para os fabricantes de Componentes Eléctricos e Electrónicos para Automóveis, Fios e Cabos para energia, telecomunicações e controle, Equipamento para Telecomunicações, Informática e Electrónica Profissional. As empresas que vendam a maioria da produção para o mercado português irão sentir já dificuldades crescentes, de mercado e de pagamentos, resultantes de quebra de poder de compra dos Clientes Privados e Públicos. No cômputo global é de esperar ligeiro crescimento das Vendas Totais, e maior acréscimo na Exportação.

Para 2012 é de esperar um agravamento significativo da situação económica internacional e interna, pelo que as Vendas e Exportação do Sector Eléctrico e Electrónico ressentir-se-ão significativamente.

Lisboa, Agosto de 2011
Allegro de Magalhães
Serviço de Economia - ANIMEE

